

Este ensaio visual é um desdobramento de minha tese de doutorado sobre “O cinema de afetos de Karim Aïnouz”. As imagens são manipulações de fotogramas selecionados a partir de “cenas abjetas” – estilisticamente experimentais e narrativamente desimportantes – dos filmes “O céu de Suely”, “Viajo porque preciso, volto porque te amo” e “Praia do Futuro”.

O conteúdo fenomenológico dos fragmentos é resultado de uma experimentação livre sobre os escritos de Peter Sloterdijk, Emil Cioran, Søren Kierkegaard, Fernando Pessoa, Carlos Drummond e Clarice Lispector, textos em que os autores exercitam, mesmo talvez sem saber, uma possível tradução para o “desein heideggeriano”.

André Costa é arquiteto, mestre em Cultura Contemporânea e doutor em cinema pela Universidade de Brasília, onde atualmente leciona História da Arquitetura Contemporânea Mundial. É autor do livro “As Aventuras subjetivas de Björk”.



Eu que mal comecei minha jornada,
Eu que mal comecei minha jornada;
começo-a com um senso de tragédia;
adivinhandos para que oceano perdido
vão os passos de minha vida.
vão os passos de minha vida.



o que é este intervalo
que há
entre mim
e
mim
?

Sou
jogado
no
mundo,

indo parar no meio das coisas.

Só
tenho
meu
corpo

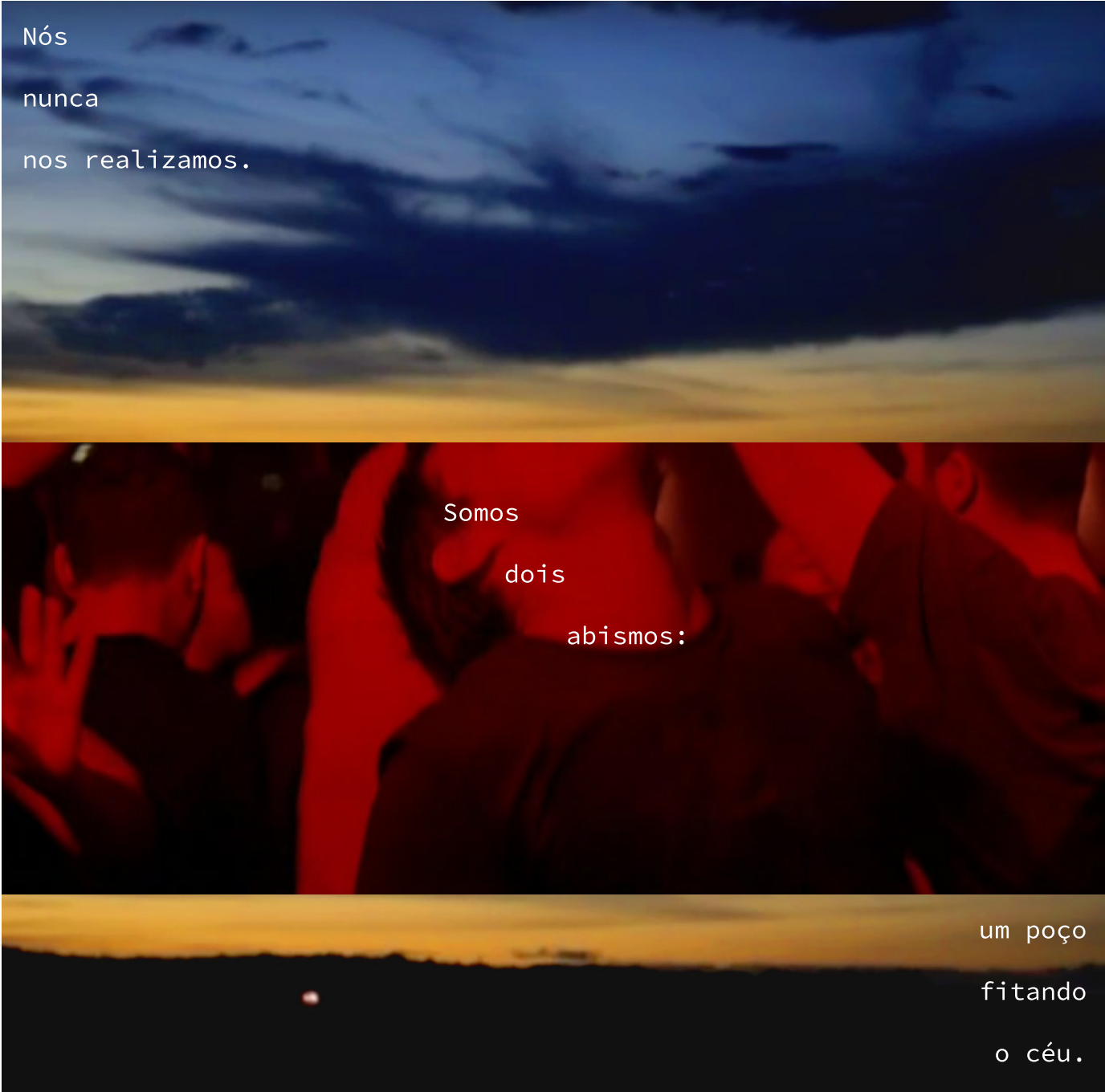
e
o
sentimento
do mundo.



O que te falo nunca é o que te falo...



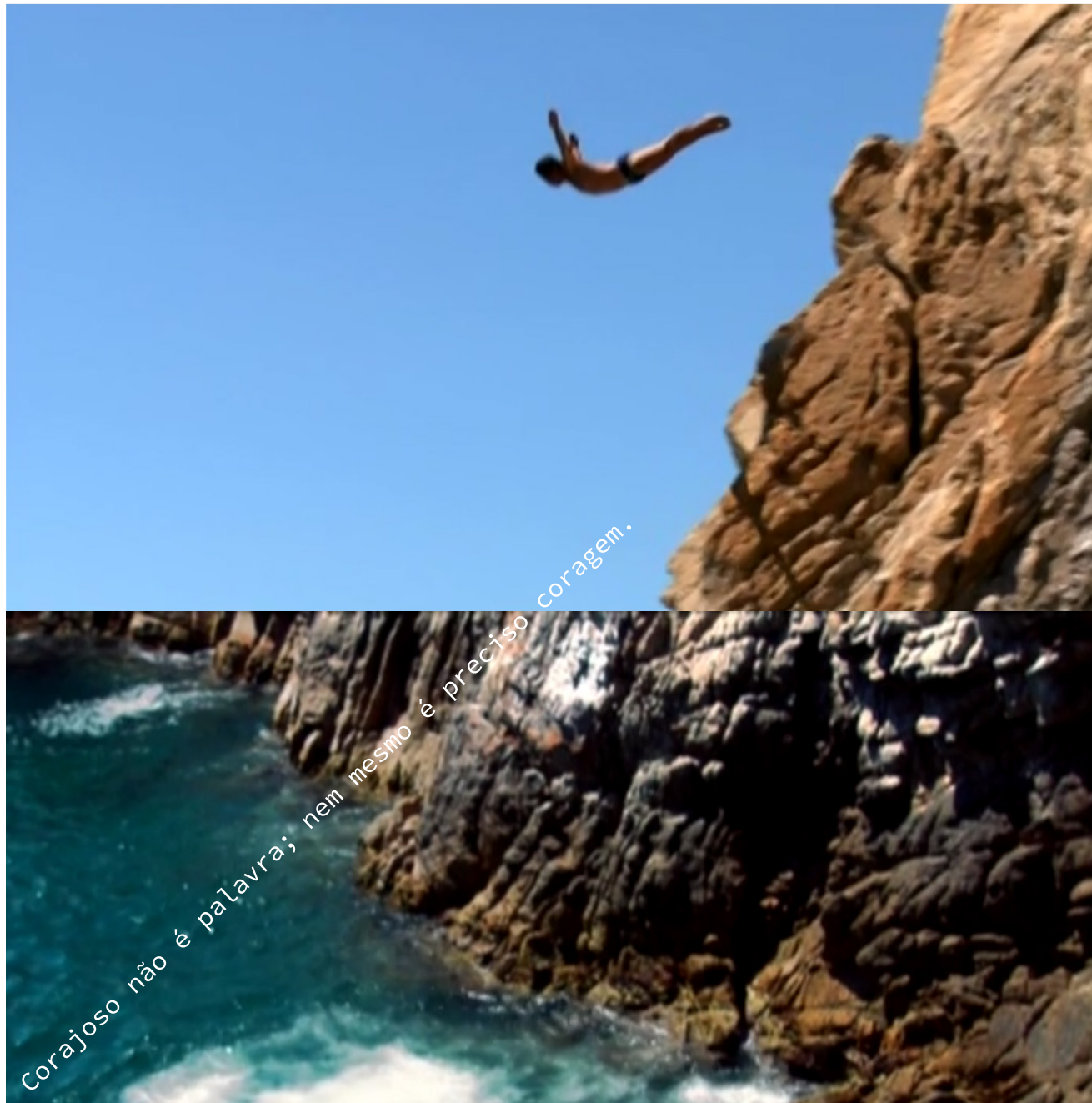
... mas s3m outra coisa.



Nós
nunca
nos realizamos.

Somos
dois
abismos:

um poço
fitando
o céu.



Ser é estar sempre em resposta a um chamado de algo.



...e foi-se

para onde a intuição,

o amor

e o risco desejado

o chamavam,

sem que ninguém ao redor pressentisse

o Chamado...